

O público

Federico García Lorca

Tradução e introdução de Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Rafaela Marques Rafael²
Universidade Federal de Santa Catarina

Federico García Lorca nasceu em 05 de junho de 1898 na província de Granada. Faleceu em 18 de agosto de 1936 no auge de sua produção literária. O autor é considerado um dos maiores expoentes da poesia e dramaturgia do século XX. Em suas obras ele retrata sua aversão à burguesia, às tragédias cotidianas e à homossexualidade. Na peça *O público* (1970), García Lorca pôs em prática um teatro experimental surrealista repleto de momentos de ambiguidade e alucinação. A obra, que foi escrita nos anos 30, apenas foi publicada mais meio século depois. Ela retrata conflitos internos, a hipocrisia da sociedade além de fazer alusões à obra de Shakespeare, *Romeu e Julieta*.

Drama em cinco cenas

Personagens

(Por ordem de aparição)

DIRETOR
CRIADO
PRIMEIRO CAVALO BRANCO
SEGUNDO CAVALO BRANCO
TERCEIRO CAVALO BRANCO
QUARTO CAVALO BRANCO
PRIMEIRO HOMEM
SEGUNDO HOMEM
TERCEIRO HOMEM
ARLEQUIM DIRETOR
MULHER DE PIJAMA
ELENA

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC), bolsista Capes Excelência. E-mail: maria.fms@hotmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC), bolsista Capes Excelência. E-mail: rafaelamarquesra@gmail.com.

FIGURA DE GUIZOS
FIGURA DE PÂMPANOS
CRIANÇA
IMPERADOR
CENTURIÃO
JULIETA
CAVALO PRETO
A FANTASIA DE ARLEQUIM
A FANTASIA DE BAILARINA
PASTOR BOBO
NU VERMELHO
ENFERMEIRO
PRIMEIRO ESTUDANTE
SEGUNDO ESTUDANTE
TERCEIRO ESTUDANTE
QUARTO ESTUDANTE
QUINTO ESTUDANTE
PRIMEIRA DAMA
SEGUNDA DAMA
TERCEIRA DAMA
QUARTA DAMA
RAPAZ
PRIMEIRO LADRÃO
SEGUNDO LADRÃO
ASSISTENTE DE PALCO
ILUSIONISTA
SENHORA

Primeira Cena

Quarto do Diretor.

O Diretor sentado, veste um fraque. A decoração é azul. Há uma grande mão impressa na parede. As janelas são radiográficas.

CRIADO: Senhor.

DIRETOR: Que foi?

CRIADO: O público chegou.

DIRETOR: Peça para entrar.

(Entram quatro Cavalos Brancos.)

DIRETOR: O que desejam? *(Os Cavalos tocam seus trompetes.)* Isto seria se eu fosse um homem com capacidade para o suspiro. Meu teatro será sempre ao ar livre! Mas eu perdi toda minha fortuna. Se não, não envenenaria o ar livre. Uma seringa que tire a casca da ferida já resolve. Fora daqui! Fora da minha casa, cavalos! Já inventaram a cama para dormir com os cavalos. *(Chorando.)* Meus cavalinhos.

OS CAVALOS: *(Chorando.)* Por trezentas pesetas. Por duzentas pesetas, por um prato de sopa, por um vidro de perfume vazio. Por sua saliva, por um pedaço de suas unhas.

DIRETOR: Fora, fora, fora! *(Toca uma campainha.)*

OS CAVALOS: Por nada! Cheiravam seus pés quando tínhamos 3 anos. Esperávamos na latrina, esperávamos atrás das portas e em seguida enchíamos sua cama de lágrimas.
(Entra o Criado.)

DIRETOR: Dê-me um chicote!

OS CAVALOS: Seus sapatos estavam cozidos de suor, mas sabíamos que tinha a mesma relação com as maçãs podres na grama.

DIRETOR: *(Ao Criado.)* Abra as portas!

OS CAVALOS: Não, não, não! Abominável! Você está coberto de penugem e come a cal dos muros que não é sua.

CRIADO: Não abro a porta. Não quero ir ao teatro.

DIRETOR: *(Batendo no Criado.)* Abra!

(Os Cavalos pegam trompetes dourados e compridos e dançam lentamente ao som de seu canto.)

PRIMEIRO E SEGUNDO CAVALOS: *(Furiosos.)* Abominável.

TERCEIRO E QUARTO CAVALOS: Velnámiboa.

PRIMEIRO E SEGUNDO CAVALOS: *(Furiosos.)* Abominável.

OS CAVALOS: Velnámiboa.

(O Criado abre a porta.)

DIRETOR: Teatro ao ar livre! Fora! Vamos! Teatro ao ar livre. Fora daqui! *(Saem os Cavalos. Ao Criado.)* Continua. *(Senta-se atrás da mesa.)*

CRIADO: Senhor.

DIRETOR: Que foi?

CRIADO: O público!

DIRETOR: Peça para entrar.

(O Diretor muda sua peruca loira para uma morena. Entram três Homens vestidos de fraque exatamente iguais. Eles têm barbas escuras.)

PRIMEIRO HOMEM: Senhor Diretor de teatro ao ar livre?

DIRETOR: A seu serviço.

PRIMEIRO HOMEM: Vimos lhe parabenizar por sua última obra.

DIRETOR: Obrigado.

TERCEIRO HOMEM: Originalíssima.

PRIMEIRO HOMEM: Muito bom título! *Romeu e Julieta*.

DIRETOR: Um homem e uma mulher que se apaixonam.

PRIMEIRO HOMEM: Romeu pode ser um pássaro e Julieta pode ser uma pedra. Romeu pode ser um grão de sal e Julieta pode ser um mapa.

DIRETOR: Mas nunca deixarão de ser Romeu e Julieta.

PRIMEIRO HOMEM: E apaixonados. O senhor acredita que eles estavam apaixonados?

DIRETOR: Homem...não estou dentro...

PRIMEIRO HOMEM: Chega! Chega! O senhor mesmo se entrega.

SEGUNDO HOMEM: (*Ao Primeiro Homem.*) Aja com prudência. Você é culpado. Para que você vai na porta dos teatros? Você pode contatar uma floresta e é fácil que ela abra o ruído de sua seiva para os seus ouvidos. Mas um teatro!

PRIMEIRO HOMEM: São os teatros que você tem que contatar, são os teatros, para...

TERCEIRO HOMEM: Para que saibam a verdade das sepulturas.

SEGUNDO HOMEM: Sepulturas com holofotes a gás, e anúncios, e extensas filas de poltronas.

DIRETOR: Cavalheiros...

PRIMEIRO HOMEM: Sim, sim. Diretor de teatro ao ar livre, autor de *Romeu e Julieta*.

SEGUNDO HOMEM: Como o Romeu urinava, senhor Diretor? Não é bonito ver Romeu urinando? Quantas vezes ele fingiu se jogar da torre para ser aprisionado na comédia do seu sofrimento? O que acontecia, senhor Diretor, quando não acontecia? E a sepultura? Por que, no final, o senhor não desceu as escadas da sepultura? O senhor pode ver o anjo que levava o sexo do Romeu, enquanto deixava o outro, o seu, que lhe pertencia. E se eu disser que o personagem principal de tudo foi uma flor venenosa, o que o senhor pensaria? Responda.

DIRETOR: Senhores, não é esse o problema.

PRIMEIRO HOMEM: (*Interrompendo.*) Não há outro. Teremos necessidade de enterrar o teatro pela covardia de todos, e terei que me dar um tiro.

SEGUNDO HOMEM: Gonzalo!

PRIMEIRO HOMEM: (*Lentamente.*) Terei que me dar um tiro para inaugurar o verdadeiro teatro, o teatro sob a arena.

DIRETOR: Gonzalo...

PRIMEIRO HOMEM: Como? ... *(Pausa.)*

DIRETOR: *(Reagindo.)* Mas não posso. Ruiria tudo. Seria deixar cego meus olhos e, depois, o que fazer com o público? O que faço com o público se joga os parapeitos na ponte? A máscara viria me devorar. Eu vi uma vez um homem ser devorado pela máscara. Os jovens mais fortes da cidade, com espadas ensanguentadas afundavam em seu traseiro grandes bolas de jornais abandonados, e na América, uma vez, um jovem rapaz foi enforcado pela máscara, pendurado em seus próprios intestinos.

PRIMEIRO HOMEM: Magnífico!

SEGUNDO HOMEM: Por que o senhor não disse isso no teatro?

TERCEIRO HOMEM: Isso é o princípio de um argumento?

DIRETOR: Em todo caso um final.

TERCEIRO HOMEM: Um final ocasionado pelo medo.

DIRETOR: Está certo, senhor. Não suponho que o senhor seja capaz de tirar a máscara em cena.

PRIMEIRO HOMEM: Por que não?

DIRETOR: E a moral? E o estômago dos espectadores?

PRIMEIRO HOMEM: Há pessoas que vomitam quando ficam vermelhas como um camarão e outras que ficam pálidas se escutam pronunciar com a devida atenção a palavra câncer; mas o senhor sabe que contra isso existe o latão, o gesso, e a adorável mica e, em último caso, a cartolina, que estão ao alcance de todas as fortunas como meios expressivos. *(Levanta-se.)* Mas o que o senhor quer é enganar-nos. Enganar-nos para que tudo siga igual e não seja impossível ajudar os mortos. O senhor é culpado das moscas terem caído em quatro mil laranjadas que eu tinha feito. E outra vez tenho que começar a quebrar as raízes.

DIRETOR: *(Levantando-se.)* Eu não discuto, senhor. Mas, o que você quer de mim? O senhor tem uma obra nova?

PRIMEIRO HOMEM: Tem obra mais nova para o senhor que nós com nossas barbas... e o senhor?

DIRETOR: E eu...?

PRIMEIRO HOMEM: Sim... o senhor.

SEGUNDO HOMEM: Gonzalo!

PRIMEIRO HOMEM: *(Olhando para o Diretor.)* Eu o reconheço ainda e acho que o estou vendo naquela manhã que ele prendeu uma lebre, que era um prodígio de velocidade, em uma pequena pasta de livros. E outra vez, que colocou duas rosas nas

orelhas no primeiro dia que descobriu o penteado repartido ao meio. E você, me reconhece?

DIRETOR: Não é este o argumento. Santo Deus! (*Gritando.*) Elena, Elena.

(Corre na porta.)

PRIMEIRO HOMEM: Mas hei de levá-lo ao cenário, queira ou não queira. Você tem me feito sofrer demasiado. Rápido! O biombo! O biombo! (*O Terceiro Homem pega um biombo e o coloca no meio da cena.*)

DIRETOR: (*Chorando.*) O público há de me ver. Meu teatro ruirá. Eu tinha feito os melhores dramas da temporada, mas agora!...

(Soam os trompetes dos Cavalos. O Primeiro Homem se dirige ao fundo e abre a porta.)

PRIMEIRO HOMEM: Entre, conosco. Vocês têm lugar no drama. Todo o mundo. (*Ao Diretor.*) E o senhor, passe por trás do biombo.

(O Segundo e o Terceiro Homens empurram o Diretor. Este passa pelo biombo e aparece na outra esquina um Rapaz vestido de cetim branco com uma gola Branca no pescoço. Deve ser uma atriz. Carrega um pequeno violão preto.)

PRIMEIRO HOMEM: Enrique! Enrique! (*Cobre o rosto com as mãos.*)

SEGUNDO HOMEM: Não me faça passar pelo biombo. Deixe-me tranquilo. Gonzalo!

DIRETOR: (*Frio e apertando as cordas.*) Gonzalo, hei de cuspir muito em você. Quero cuspir em você e cortar seu fraque com umas tesourinhas. Me dê tecido e agulha. Quero bordar. Não gosto de tatuagens, mas quero bordá-lo sobre tecidos.

TERCEIRO HOMEM: (*Aos Cavalos.*) Sentem-se onde quiserem.

PRIMEIRO HOMEM: (*Chorando.*) Enrique! Enrique!

DIRETOR: Vou bordá-lo sobre a carne e adorarei vê-lo dormir no telhado. Quanto dinheiro você tem no bolso? Queime! (*O Primeiro Homem acende um fósforo e queima as notas.*) Nunca vejo bem como desaparecem os desenhos na chama. Você não tem mais dinheiro? Como você é pobre, Gonzalo! E meu lápis para os lábios? Não tem carmin? É uma chateação.

SEGUNDO HOMEM: (*Tímido.*) Eu tenho. (*Tira o lápis de debaixo da barba e o oferece.*)

DIRETOR: Obrigado... mas...você também está aqui? Para o biombo! Você também para o biombo. E você ainda o aguenta, Gonzalo?

(O Diretor empurra bruscamente o Segundo Homem, e aparece no outro extremo do biombo uma Mulher Vestida com calça de pijama preto e com uma coroa de papoulas na cabeça. Traz na mão uns lornhões cobertos por um bigode loiro que colocará na boca em alguns momentos do drama.)

SEGUNDO HOMEM: *(Secamente.)* Dê-me o lápis.

DIRETOR: Ha, ha, ha! Ó Maximiliana, imperatriz de Baviera! Ó má mulher!

SEGUNDO HOMEM: *(Colocando os bigodes sobre os lábios.)* Vou lhe recomendar um pouco de silêncio.

DIRETOR: Ó má mulher! Elena! Elena!

PRIMEIRO HOMEM: *(Alto.)* Não chame Elena.

DIRETOR: Por que não? Ela me amou muito quando meu teatro estava ao ar livre. Elena!

(Elena sai à esquerda. Está vestida de grega, com rímel azul nas sobrancelhas, o cabelo branco e os pés de gesso. O vestido, aberto totalmente na frente, deixa ver suas coxas cobertas por um maiô apertado rosado. O Segundo Homem tem bigode nos lábios.)

ELENA: Igual outra vez?

DIRETOR: Outra vez.

TERCEIRO HOMEM: Por que você saiu, Elena? Por que você saiu se não vai me querer?

ELENA: Quem lhe disse? Mas, por que você me quer tanto? Eu beijaria seus pés se você me castigasse e saísse com outras mulheres. Mas você ama demais somente a mim. Será necessário terminar de uma vez.

DIRETOR: *(Ao Terceiro Homem.)* E eu? Não se lembra de mim? Não se lembra de minhas unhas arrancadas? Como teria conhecido outras e não você? Por que a chamei, Elena? Por que a chamei, meu suplício?

ELENA: *(Ao Terceiro Homem.)* Vá com ele! E me confesse já a verdade que me oculta. Não me importa que estivesse bêbado e que queira se justificar, mas você o beijou e dormiram na mesma cama.

TERCEIRO HOMEM: Elena! *(Passa rapidamente por trás do biombo e aparece sem barba com o rosto palidíssimo e um chicote na mão. Está com munhequeira de couro com pregos dourados.)*

TERCEIRO HOMEM: *(Chicoteando o Diretor.)* Você sempre fala, sempre mente, hei de acabar com você sem a menor misericórdia.

OS CAVALOS: Misericórdia! Misericórdia!

ELENA: Podia seguir batendo por um século inteiro e eu não acreditaria em você. *(O Terceiro Homem se dirige à Elena e aperta seus pulsos.)* Poderia seguir um século inteiro apertando meus dedos e não conseguiria me fazer soltar um gemido sequer.

TERCEIRO HOMEM: Veremos quem pode mais!

ELENA: Eu e sempre eu.

(Aparece o Criado.)

ELENA: Leve-me daqui logo! Com você! Leve-me! *(O Criado passa por trás do biombo e sai da mesma maneira.)* Leve-me! Muito longe! *(O Criado a segura em seus braços.)*

DIRETOR: Podemos começar.

PRIMEIRO HOMEM: Quando quiser.

OS CAVALOS: Misericórdia! Misericórdia!

(Os Cavalos tocam seus trompetes compridos. Os personagens estão parados em seus lugares.)

Cortina lenta

Segunda Cena

Ruína romana.

Uma Figura, coberta totalmente de Pâmpanos vermelhos, toca uma flauta sentada sobre um capitel. Outra Figura, coberta de Guizos dourados, dança no centro da cena.

FIGURA DE GUIZOS: Se eu virasse uma nuvem?

FIGURA DE PÂMPANOS: Eu viraria um olho.

FIGURA DE GUIZOS: Se eu virasse uma caca?

FIGURA DE PÂMPANOS: Eu viraria uma mosca.

FIGURA DE GUIZOS: Se eu virasse uma maçã.

FIGURA DE PÂMPANOS: Eu viraria um beijo.

FIGURA DE GUIZOS: Se eu virasse um peito?

FIGURA DE PÂMPANOS: Eu viraria um lençol branco.

VOZ: (*Sarcástica.*) Bravo!

FIGURA DE GUIZOS: Se eu virasse um peixe-lua?

FIGURA DE PÂMPANOS: Eu viraria um punhal.

FIGURA DE GUIZOS: (*Deixando de dançar.*) Mas, por que, por que você me atormenta? Como não vai vir comigo, se me ama, para onde eu levá-lo? Se eu virasse um peixe-lua, você viraria uma onda do mar, ou uma alga, e se quiser algo muito distante, porque não quer me beijar, você viraria lua cheia. Mas em punhal! Você se diverte interrompendo minha dança. E dançando é a única maneira que tenho de amar você.

FIGURA DE PÂMPANOS: Quando você ronda o leito e os objetos da casa, sigo você, mas não sigo nos lugares onde você, cheio de sagacidade, quer me levar. Se você virasse um peixe-lua, eu lhe abriria com um punhal, porque sou um homem, porque não sou nada mais que isso, um homem, mais homem que Adão, e quero que você seja ainda mais homem que eu. Tão homem que os galhos não balancem quando você passar. Mas você não é um homem. Se eu não tivesse esta flauta, você fugiria para a lua, a lua coberta de lencinhos de renda e gotas de sangue de mulher.

FIGURA DE GUIZOS: (*Timidamente.*) E se eu virasse uma formiga?

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Enérgico.*) Eu viraria a terra.

FIGURA DE GUIZOS: (*Mais alto.*) E se eu virasse a terra?

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Mais baixo.*) Eu viraria a água.

FIGURA DE GUIZOS: (*Vibrante.*) E se eu virasse a água?

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Desfalecido.*) Eu viraria um peixe-lua.

FIGURA DE GUIZOS: (*Trêmulo.*) E se eu virasse um peixe-lua?

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Levantando-se.*) Eu viraria um punhal. Um punhal afiado durante quatro longas primaveras.

FIGURA DE GUIZOS: Leve-me ao banheiro e afogue-me. Será a única maneira para me ver sem roupa. Você acha que eu tenho medo de sangue? Sei como dominá-lo. Você acha que eu não o conheço? Sei dominá-lo tanto que se eu dissesse: «se eu virasse um peixe-lua?», você me responderia: «eu viraria uma bolsa de ovas pequenininhas».

FIGURA DE PÂMPANOS: Pegue um machado e corte minhas pernas. Deixe que os insetos da ruína cheguem e vá embora. Porque eu o desprezo. Queria que você se calasse até o fundo. Cuspo em você.

FIGURA DE GUIZOS: É isso o que você quer? Tchau. Estou tranquilo. Se vou descendo pela ruína, irei encontrando amor e cada vez mais amor.

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Angustiado.*) Onde você vai? Onde você vai?

FIGURA DE GUIZOS: Você não quer que eu vá embora?

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Com voz baixa.*) Não, não vá embora. E se eu virasse um grãozinho de areia?

FIGURA DE GUIZOS: Eu viraria um chicote.

FIGURA DE PÂMPANOS: E se eu virasse uma bolsa de ovas pequeninhas?

FIGURA DE GUIZOS: Eu viraria um outro chicote. Um chicote feito com cordas de violão.

FIGURA DE PÂMPANOS: Não me chicoteie!

FIGURA DE GUIZOS: Um chicote feito com cordas de barco.

FIGURA DE PÂMPANOS: Não bata no meu ventre!

FIGURA DE GUIZOS: Um chicote feito com os estames de uma orquídea.

FIGURA DE PÂMPANOS: Você me deixará cego!

FIGURA DE GUIZOS: Cego, porque você não é homem. Eu sim sou homem. Um homem, tão homem, que desmaio quando os caçadores acordam. Um homem, tão homem, que sinto uma dor aguda nos dentes quando alguém quebra um talo, por menor que seja. Um gigante. Um gigante, tão gigante, que posso bordar uma rosa de um bebê recém-nascido.

FIGURA DE PÂMPANOS: Estou esperando a noite, angustiado com a brancura da ruína, para poder me arrastar a seus pés.

FIGURA DE GUIZOS: Não, não. Por que está me dizendo isso? É você que tem que me obrigar a fazer. Você não é um homem? Um homem mais homem que Adão?

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Caindo no chão.*) Ai! Ai!

FIGURA DE GUIZOS: (*Aproximando-se em voz baixa.*) E se eu virasse um capitel?

FIGURA DE PÂMPANOS: Ai de mim!

FIGURA DE GUIZOS: Você viraria uma sombra de capitel e mais nada. E então Elena viria na minha cama. Elena, coração meu! Enquanto você, debaixo das almofadas, estaria esticado cheio de suor, um suor que não seria seu, que seria dos cocheiros, dos bombeiros e dos médicos que tratam o câncer. E então eu viraria um peixe-lua e você já não seria nada mais que um pequeno estojo de pó-de-arroz que passa de mão em mão.

FIGURA DE PÂMPANOS: Ai!

FIGURA DE GUIZOS: Outra vez? Outra vez você está chorando? Terei necessidade de desmaiar para que os camponeses venham. Terei necessidade de chamar os negros, os enormes negros feridos pelas navalhas das mandiocas que lutam dia e noite com a lama dos rios. Levante do chão, covarde. Ontem estive na casa do ferreiro e encomendei uma corrente. Não se afaste de mim! Uma corrente. E estive toda a noite chorando porque meus pulsos e meus tornozelos doíam e, entretanto, eu não estava com ela. (*A Figura de Pâmpanos toca um apito de prata.*) O que você está fazendo? (*Soa o apito outra vez.*) Já sei o que você quer, mas tenho tempo de fugir.

FIGURA DE PÂMPANOS: (*Levantando-se.*) Fuja se quiser.

FIGURA DE GUIZOS: Vou me defender com as gramas.

FIGURA DE PÂMPANOS: Tente se defender. (*Soa o apito. Do teto cai uma Criança vestida com uma sunga vermelha.*)

CRIANÇA: O Imperador! O Imperador! O Imperador!

FIGURA DE PÂMPANOS: O Imperador.

FIGURA DE GUIZOS: Eu farei seu papel. Não tire a roupa. Isso custaria minha vida.

CRIANÇA: O Imperador! O Imperador! O Imperador!

FIGURA DE GUIZOS: Tudo entre nós era um jogo. Jogávamos. E agora eu servirei ao Imperador fingindo sua voz. Você pode ficar atrás daquele grande capitel. Nunca tinha lhe dito isso. Ali há uma vaca que prepara a comida para os soldados.

FIGURA DE PÂMPANOS: O Imperador! Já não há remédio. Você rompeu a teia da aranha e já sinto que meus grandes pés estão começando a ficar pequenos e repugnantes.

FIGURA DE GUIZOS: Quer um pouco de chá? Onde poderia encontrar uma bebida quente nesta ruína?

CRIANÇA: (*No chão.*) O Imperador! O Imperador! O Imperador!

(Soa uma trompa e aparece o Imperador dos romanos. Com ele vem um Centurião de túnica amarela e carne cinzenta. Atrás vêm os quatro Cavalos com seus trompetes. A Criança se dirige ao Imperador. Este o segura em seus braços e perdem-se nos capitéis.)

CENTURIÃO: O Imperador procura um.

FIGURA DE PÂMPANOS: Eu sou um.

FIGURA DE GUIZOS: Eu sou um.

CENTURIÃO: Qual dos dois?

FIGURA DE PÂMPANOS: Eu.

FIGURA DE GUIZOS: Eu.

CENTURIÃO: O Imperador adivinhará qual dois é um. Com um punhal ou com uma cusparada Malditos sejais todos os de vossa casta! Por culpa de vós estou percorrendo caminhos e dormindo sobre a areia. Minha mulher é maravilhosa como uma montanha. Pare em quatro ou cinco lugares ao mesmo tempo e ronque ao meio-dia debaixo das árvores. Eu tenho duzentos filhos. E terei muitos mais ainda. Maldita seja a vossa casta!

(O Centurião cospe e canta. Um grito longo e contínuo se escuta atrás das colunas. Aparece o Imperador limpando a testa. Retira as luvas pretas; depois as vermelhas e aparecem suas mãos de uma brancura clássica.)

IMPERADOR: *(Displícete.)* Qual dos dois é um?

FIGURA DE GUIZOS: Eu sou, senhor.

IMPERADOR: Um é um e sempre um. Degolei mais de quarenta rapazes que não quiseram dizer.

CENTURIÃO: *(Cuspindo.)* Um é um e nada mais que um.

IMPERADOR: E não há dois.

CENTURIÃO: Porque se tivesse dois não estaria o Imperador procurando pelos caminhos.

IMPERADOR: *(Ao Centurião.)* Deixe-os nus.

FIGURA DE GUIZOS: Eu sou um, senhor. Esse é o mendigo das ruínas. Alimenta-se de raízes.

IMPERADOR: Afaste.

FIGURA DE PÂMPANOS: Você me conhece. Sabe quem eu sou. *(Despoja-se dos pântanos e aparece um nu branco de gesso.)*

IMPERADOR: *(Abraçando-o.)* Um é um.

FIGURA DE PÂMPANOS: E sempre um. Se me beijar, abrirei minha boca para que crave sua espada em minha garganta depois.

IMPERADOR: Assim farei.

FIGURA DE PÂMPANOS: E deixe minha cabeça de amor na ruína. A cabeça de um que foi sempre um.

IMPERADOR: *(Suspirando.)* Um.

CENTURIÃO: *(Ao Imperador.)* Difícil é, mas aí está ele.

FIGURA DE PÂMPANOS: Ele está aí porque nunca poderá tê-lo.

FIGURA DE GUIZOS: Traição! Traição!

CENTURIÃO: Cale-se, rato velho! Filho da bruxa!

FIGURA DE GUIZOS: Gonzalo! Ajude-me, Gonzalo!

*(A Figura de Guizos joga uma coluna e esta se desfaz sob o biombo branco da primeira
cena. Por trás saem os três Homens barbados e o Diretor de cena.)*

PRIMEIRO HOMEM: Traição!

FIGURA DE GUIZOS: Você nos traiu!

DIRETOR: Traição!

(O Imperador está abraçado à Figura de Pâmpanos.)

Cortina

Terceira Cena

*Muro de areia. À esquerda, e pintada sobre o muro, uma lua transparente quase de
gelatina. No centro, uma imensa folha verde lanceolada.*

PRIMEIRO HOMEM: *(Entrando.)* Não é isto o que faz falta. Depois do que aconteceu,
seria injusto que eu voltasse outra vez para falar com as crianças e observar a alegria do
céu.

SEGUNDO HOMEM: Esse é um mau lugar.

DIRETOR: Você viu a luta?

TERCEIRO HOMEM: *(Entrando.)* Deveriam morrer os dois. Não presenciei nunca um
festim mais sangrento.

PRIMEIRO HOMEM: Dois leões. Dois semideuses.

SEGUNDO HOMEM: Dois semideuses se não tivessem ânus.

PRIMEIRO HOMEM: Mas o ânus é o castigo do homem. O ânus é o fracasso do homem,
é sua vergonha e sua morte. Os dois tinham ânus e nenhum dos dois podia lutar com a
beleza pura dos mármorees que brilhavam conservando desejos íntimos defendidos por
uma superfície imaculada.

TERCEIRO HOMEM: Quando a lua sair, as crianças do campo vão se reunir para
defecar.

PRIMEIRO HOMEM: E atrás dos juncos, à beira fresca dos remansos, encontramos
marcas do homem que torna horrível a liberdade dos desnudos.

TERCEIRO HOMEM: Os dois deveriam morrer.

PRIMEIRO HOMEM: (*Enérgico.*) Deveriam vencer.

TERCEIRO HOMEM: Como?

PRIMEIRO HOMEM: Sendo homens os dois e não se deixando arrastar pelos falsos desejos. Sendo íntegramente homens. Um homem nunca pode deixar de ser homem?

SEGUNDO HOMEM: Gonzalo!

PRIMEIRO HOMEM: Foram vencidos e agora tudo será burla e escárnio da gente.

TERCEIRO HOMEM: Nenhum dos dois era um homem. Como vocês também não são. Estou enojado da sua companhia.

PRIMEIRO HOMEM: Aí atrás, na última parte do festim, está o Imperador. Por que não vai lá e o estrangula? Reconheço seu valor tanto como justifico sua beleza. Por que não se precipita e com seus próprios dentes devora o pescoço dele?

DIRETOR: Por que você não faz isso?

PRIMEIRO HOMEM: Porque não posso, porque não quero, porque sou fraco.

DIRETOR: Mas ele pode, ele quer, ele é forte. (*Em voz alta.*) O Imperador está na ruína!

TERCEIRO HOMEM: Que vá embora quem quiser respirar seu hálito.

PRIMEIRO HOMEM: Você!

TERCEIRO HOMEM: Só poderia convencê-los se tivesse meu chicote.

PRIMEIRO HOMEM: Sabe que não resisto a você, mas o deprecio por covardia.

SEGUNDO HOMEM: Por covardia!

DIRETOR: (*Alto e olhando para o Terceiro Homem.*) O Imperador que bebe nosso sangue está na ruína!

(*O Terceiro Homem cobre o rosto com as mãos.*)

PRIMEIRO HOMEM: (*Ao Diretor.*) É esse, já o conhece? Esse é o valente que no café e no livro vai enrolando nossas veias como compridas espinhas de peixe. Esse é o homem que ama o Imperador em solidão e o procura nas tavernas dos portos. Enrique, olhe bem em seus olhos. Veja que pequenos cachos de uvas descem por seus ombros. Não me engana. Mas agora vou matar o Imperador. Sem punhal, com estas mãos quebradiças que as mulheres me invejam.

DIRETOR: Não, ele que irá! Espere um pouco. (*O Homem senta em uma cadeira e chora.*)

TERCEIRO HOMEM: Não poderia estrear meu pijama de nuvens! Ai! Vocês não sabem

que eu descobri uma bebida maravilhosa que somente alguns negros de Honduras conhecem.

DIRETOR: É num pântano podre onde devemos estar e não aqui. Debaixo do lodo onde se consomem rãs mortas.

SEGUNDO HOMEM: *(Abraçando o Primeiro Homem.)* Gonzalo, por que o ama tanto?

PRIMEIRO HOMEM: *(Ao Diretor.)* Vou lhe trazer a cabeça do Imperador!

DIRETOR: Será o melhor presente para Elena.

SEGUNDO HOMEM: Fique, Gonzalo, e permita que eu lave seus pés.

PRIMEIRO HOMEM: A cabeça do Imperador queima os corpos de todas as mulheres.

DIRETOR: *(Ao Primeiro Homem.)* Mas você não sabe que Elena pode polir suas mãos dentro do fósforo e a cal viva. Vá com a faca! Elena, Elena, coração meu!

TERCEIRO HOMEM: Coração meu de sempre! Ninguém aqui chame Elena!

DIRETOR: *(Tremendo.)* Ninguém a chame. É muito melhor que nós nos serenemos. Esquecendo o teatro será possível. Ninguém a chame.

PRIMEIRO HOMEM: Elena.

DIRETOR: *(Ao Primeiro Homem.)* Cale! Então, estarei esperando atrás dos muros do grande armazém. Cale.

PRIMEIRO HOMEM: Prefiro acabar de uma vez. Elena! *(Começa o silêncio.)*

DIRETOR: Então, e se eu fosse um pequeno anão de jasmims?

SEGUNDO HOMEM: *(Ao Primeiro Homem.)* Vamos! Não se engane! Eu o acompanho à ruína.

DIRETOR: *(Abraçando o Primeiro Homem.)* Eu seria um comprimido de anís, uma pílula onde estariam espremidos os juncos de todos os rios, e você seria uma grande montanha chinesa coberta de arpas vivas diminutas.

PRIMEIRO HOMEM: *(Revirando os olhos.)* Não, não. Eu então não seria uma montanha chinesa. Eu seria um odre de vinho antigo que enche de sanguessuga a garganta. *(Lutam.)*

TERCEIRO HOMEM: Teremos necessidade de separá-los.

SEGUNDO HOMEM: Para que não se devorem.

TERCEIRO HOMEM: Mesmo que custasse minha liberdade.

(O Diretor e o Primeiro Homem lutam abafadamente.)

SEGUNDO HOMEM: Mas custaria minha morte.

TERCEIRO HOMEM: Se eu tenho um escravo...

SEGUNDO HOMEM: É porque eu sou um escravo.

TERCEIRO HOMEM: Mas, com os dois escravos, de modo distinto podemos quebrar as correntes.

PRIMEIRO HOMEM: Chamarei Elena!

DIRETOR: Chamarei Elena!

PRIMEIRO HOMEM: Não, por favor!

DIRETOR: Não, não a chame. Eu me transformo no que você quiser.

(Desaparecem lutando pela direita.)

TERCEIRO HOMEM: Podemos empurrá-los e eles cairão no poço. Assim, você e eu ficaremos livres.

SEGUNDO HOMEM: Você, livre. Eu, mais escravo ainda.

TERCEIRO HOMEM: Não importa. Eu os empurro. Estou desejando viver em minha terra verde, ser pastor, beber água da pedra.

SEGUNDO HOMEM: Você esquece que sou forte quando quero. Era uma criança e jungia os bois do meu pai. Ainda que meus ossos estejam cobertos de pequeníssimas orquídeas, tenho uma camada de músculos que utilizo quando quero.

TERCEIRO HOMEM: *(Suave.)* É muito melhor para eles e para nós. Vamos! O poço é profundo.

SEGUNDO HOMEM: Não o deixarei!

(Lutam. O Segundo Homem empurra o Terceiro Homem e desaparecem pelo lado oposto. O muro se abre e aparece a sepultura de Julieta em Verona. Decoração realista. Roseiras e heras. Lua. Julieta está deitada na sepultura, traja uma roupa branca de ópera, seus dois seios de celulóide rosados estão descobertos.)

JULIETA: *(Saindo da sepultura.)* Por favor. Não esbarrei com nenhuma amiga em todo o tempo, apesar de ter cruzado mais de três mil arcos vazios. Um pouco de ajuda, por favor. Um pouco de ajuda e um mar de sonho. *(Canta.)*

Um mar de sonho.
Um mar de terra branca
e os arcos vazios pelo céu.
Minha cauda pelas aves, pelas algas.
Minha cauda pelo tempo.

Um mar de tempo.
Praia dos vermes lenhadores
e golfinho de cristal pelas cerejeiras.
Ó puro amianto de final! Ó ruína!
Ó solidão sem arco! Mar de sonho!

(Um tumulto de espadas e vozes surge no fundo da cena.)

JULIETA: Cada vez mais gente. Acabarão invadindo minha sepultura e ocupando minha própria cama. Não me importam as discussões sobre o amor nem o teatro. O que eu quero é amar.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO *(Aparecendo. Traz uma espada na mão.)* Amar!

JULIETA: Sim. Com amor que dura só um momento.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Esperei você no jardim.

JULIETA: Você quer dizer na sepultura.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Continua tão louca como sempre. Julieta, quando você vai poder notar a perfeição de um dia? Um dia com manhã e tarde.

JULIETA: E com noite.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: A noite não é o dia. E num dia conseguirá vencer a angústia e afugentar as impassíveis paredes de mármore.

JULIETA: Como?

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Monte em minha garupa.

JULIETA: Para quê?

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: *(Aproximando-se.)* Vou levá-la.

JULIETA: Onde?

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Ao escuro. No escuro há galhos suaves. O cemitério das asas tem mil superfícies de espessura.

JULIETA: *(Tremendo.)* E o que mais você me dará lá?

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Vou lhe dar o mais silencioso do escuro.

JULIETA: O dia?

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: O musgo sem luz. O tato que devora pequenos mundos com as gemas dos dedos.

JULIETA: Era você que ia me ensinar a perfeição de um dia?

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Para levá-la à noite.

JULIETA: (*Furiosa.*) E o que eu tenho, cavalo idiota, a ver com a noite? O que tenho que aprender sobre suas estrelas ou sobre suas bebedeiras? Será preciso que use veneno de rato para me livrar de gente chata. Mas não quero matar os ratos. Eles trazem para mim pequenos pianos e baquetas de verniz.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Julieta, a noite não é um momento, mas um momento pode durar toda a noite.

JULIETA: (*Chorando.*) Chega. Não quero escutá-la mais. Para que você quer me levar? É o engano a palavra do amor, o espelho quebrado, a passagem na água. Depois você me deixaria na sepultura outra vez, como todos fazem, querendo convencer os que escutam de que o verdadeiro amor é impossível. Já estou cansada. E levanto-me a pedir auxílio para retirar da minha sepultura aqueles que teorizam sobre meu coração e os que me abrem a boca com pequenas pinças de mármore.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: O dia é um fantasma que se senta.

JULIETA: Mas eu conheci muitas mulheres mortas pelo sol.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Veja bem: um só dia para amar todas as noites.

JULIETA: Sobre todos! Sobre todos! Sobre todos os homens, sobre todas as árvores, sobre todos os cavalos. Tudo o que você quer me ensinar eu já conheço perfeitamente. A lua empurra de modo suave as casas desabitadas, provoca a queda das colunas e oferece aos vermes pequenas lanternas para entrar no interior das cerejas. A lua leva às alcovas as caretas de meningites, enche de água fria os ventres das grávidas, e, quando me descuido, joga um monte de erva sobre meus ombros. Não me olhe, cavalo, com esse desejo que tão bem conheço. Quando era muito pequena, eu via, em Verona, maravilhosas vacas pastando nos prados. Depois as via pintadas nos meus livros, mas sempre me lembrava delas ao passar pelos açougues.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Amor que só dura um momento.

JULIETA: Sim, um minuto; e Julieta, viva, alegríssima, livre do pungente enxame de lupas. Julieta no início, Julieta no limite da cidade.

(O tumulto de vozes e espadas volta a surgir no fundo da cena.)

PRIMEIRO CAVALO BRANCO:

Amor. Amar. Amor.
Amor do caracol, col, col, col,
que expõe os chifres no sol.
Amor. Amor. Amar.

do cavalo que lambe
a bola de sal.

(Dança.)

JULIETA: Ontem eram quarenta e estava adormecida. Vinham as aranhas, vinham as meninas e a jovem violada pelo cachorro cobrindo-se com os gerânios, mas eu continuava tranquila. Quando as ninfas falam do queijo, este pode ser leite de sereia ou de trevo, mas agora são quatro, são quatro rapazes que me quiseram colocar um falinho de barro e estavam decididos a pintar em mim um bigode de tinta.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO:

Amor. Amar. Amor.

Amor de Ginido com o canalha,
e da mula com o caracol, col, col, col,
que expõe os chifres no sol.

Amar. Amor. Amar

de Júpiter no estábulo com o peru real
e o cavalo que relincha dentro da catedral.

JULIETA: Quatro rapazes, cavalo. Fazia muito tempo que sentia o ruído do jogo, mas não me despertei até que brilharam as facas.

(Aparece o Cavalo Preto com um penacho de plumas da mesma cor e uma roda na mão.)

CAVALO PRETO: Quatro rapazes? Todo o mundo. Uma terra de asfódelos e outra terra de sementes. Os mortos continuam discutindo e os vivos utilizam o bisturi. Todo o mundo.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Às margens do Mar Morto nascem belas maçãs de cinza, mas a cinza é boa.

CAVALO PRETO: Ó frescura! Ó polpa! Ó orvalho! Eu como cinza.

JULIETA: Não, não é uma boa cinza. Quem fala de cinza?

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Não falo de cinza. Falo da cinza que tem forma de maçã.

CAVALO PRETO: Forma, forma! Ânسيا de sangue.

JULIETA: Tumulto.

CAVALO PRETO: Ânsia de sangue e tédio da roda.

(Aparecem os três Cavalos Brancos; trazem compridos bastões de verniz preto.)

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: Forma e cinza. Cinza e forma. Espelho. E podem acabar colocando um pão de ouro.

JULIETA: *(Retorcendo as mãos.)* Forma e cinza.

CAVALO PRETO: Sim. Já sabem que degolo as pombas. Quando dizem pedra, entendo ar. Quando dizem ar, entendo vazio. Quando dizem vazio, entendo pomba degolada.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO:

Amor. Amor. Amor
da lua com a casca,
da gema com a lua
e a nuvem com a casca.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: *(Batendo no chão com os bastões.)*

Amor. Amor. Amor
do esterco com o sol,
do sol com a vaca morta
e do besouro com o sol.

CAVALO PRETO: Por mais que movam os bastões, as coisas não sucederão como têm que suceder. Malditos! Escandalosos! Percorrerei o bosque em busca de resina várias vezes na semana, por sua culpa, para encobrir e restaurar o silêncio que me pertence. *(Persuasivo.)* Vá, Julieta. Coloquei lençóis de fio para você. Agora começará a cair uma chuva fina coroada de heras que molhará os céus e as paredes.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: Temos três bastões pretos.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: E uma espada.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: *(A Julieta.)* Temos que passar por seu ventre para encontrar a ressurreição dos cavalos.

CAVALO PRETO: Julieta, são três da madrugada; se você se descuidar, as pessoas fecharão a porta e não poderá passar.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: Resta-lhe o prado e o horizonte de montanhas.

CAVALO PRETO: Julieta, não faça nenhum caso. No prado está o camponês que come com o nariz escorrendo, o enorme pé que esmaga o ratinho, e o exército de lombrigas que enche de babas a erva viciosa.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Restam-lhe seus peitinhos duros e, além disso, já inventaram a cama para dormir com os cavalos.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: (*Agitando os bastões.*) E queremos deitar.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Com Julieta. Eu estava na sepultura na última noite e sei tudo o que aconteceu.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: (*Furiosos.*) Queremos deitar!

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Porque somos cavalos verdadeiros, cavalos de carroça que quebramos com paus a madeira das manjedouras e as janelas do estábulo.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: Tire a roupa, Julieta, e deixe à mostra seu quadril para a batida de nossos rabos. Queremos ressuscitar! (*Julieta se refugia com o Cavalo Preto.*)

CAVALO PRETO: Louca, mais que louca!

JULIETA: (*Refazendo-se.*) Não tenho medo de vocês. Querem se deitar comigo? Não é? Pois agora sou eu que quero me deitar com vocês, mas eu mando, eu dirijo, eu monto em vocês, eu corto suas crinas com minhas tesouras.

CAVALO PRETO: Quem passa por quem? Ó amor, amor, que necessita passar sua luz pelos calores escuros! Ó mar apoiado na penumbra e flor na bunda do morto!

JULIETA: (*Enérgica.*) Não sou uma escrava para que me cravem punções de âmbar nos seios nem um oráculo para os que tremem de amor à saída das cidades. Todo meu sonho foi com o cheiro da figueira e a cintura de quem corta as espigas. Ninguém passa por mim! Eu passo por vocês!

CAVALO PRETO: Durma, durma, durma.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: (*Empunham os bastões e pelas ponteiros deles saem três jatos de água.*) Urinamos em você. Urinamos em você como nas éguas, como a cabra urina no focinho do macho e o céu urina nas magnólias para embebê-las.

CAVALO PRETO: (*A Julieta.*) Em seu lugar. Que ninguém passe por você.

JULIETA: Tenho que me calar então? Um bebê recém-nascido é bonito.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: É bonito. E arrastaria o rabo por todo o céu.

(O Primeiro Homem. aparece à direita com o Diretor de cena. O Diretor de cena vem, como na primeira cena, transformado em um Arlequim branco.)

PRIMEIRO HOMEM: Chega, senhores!

DIRETOR: Teatro ao ar livre!

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Não. Agora inauguramos o verdadeiro teatro. O teatro sob a arena.

CAVALO PRETO: Para que a verdade dos enterros seja conhecida.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: Enterros com propagandas, holofotes a gás e longas filas de poltronas.

PRIMEIRO HOMEM: Sim! Já demos o primeiro passo. Mas eu tenho certeza que três de vocês estão se escondendo, que três de vocês ainda estão nadando na superfície. (*Os três Cavalos Brancos se reúnem inquietos.*) Vocês estão acostumados ao chicote dos cocheiros e às tenazes dos ferreiros, vocês têm medo da verdade.

CAVALO PRETO: Quando eles removerem o último vestígio de sangue, a verdade será uma urtiga, um caranguejo devorado, ou um pedaço de couro atrás dos cristais.

PRIMEIRO HOMEM: Eles devem desaparecer imediatamente deste lugar. Eles estão com medo do público. Eu conheço a verdade, eu sei que eles não procuram por Julieta, escondem um desejo que me machuca e que eu leio em seus olhos.

CAVALO PRETO: Não um desejo; todos os desejos. Como você.

PRIMEIRO HOMEM: Eu tenho apenas um desejo.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Igual aos cavalos, ninguém esquece sua máscara.

PRIMEIRO HOMEM: Não tenho máscara.

DIRETOR: Não há nada mais do que uma máscara. Eu estava certo, Gonzalo. Se nós ludibriarmos a máscara, ela vai nos pendurar em uma árvore como o menino da América.

JULIETA: (*Chorando.*) Máscara!

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Forma.

DIRETOR: No meio da rua a máscara abotoa nossos botões e evita o rubor imprudente que às vezes surge nas bochechas. No dormitório, quando colocamos nossos dedos em nossos narizes, ou quando exploramos delicadamente o nosso traseiro, o gesso da máscara oprime de tal maneira a nossa carne que dificilmente podemos nos deitar no leito.

PRIMEIRO HOMEM: (*Para o diretor.*) Minha luta foi com a máscara até que eu o vi nu. (*Abraça-o.*)

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: (*Zombando.*) Um lago é uma superfície.

PRIMEIRO HOMEM: (*Irritado.*) Ou um volume!

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: (*Rindo.*) Um volume são mil superfícies.

DIRETOR: (*Para o Primeiro Homem.*) Não me abrace, Gonzalo. Seu amor vive apenas na presença de testemunhas. Não me beijou o suficiente na ruína? Desprezo sua elegância e seu teatro. (*Lutam.*)

PRIMEIRO HOMEM: Eu o amo na frente dos outros porque eu abomino a máscara e porque já consegui arrancá-la de você.

DIRETOR: Por que sou tão fraco?

PRIMEIRO HOMEM: (*Lutando.*) Eu o amo.

DIRETOR: (*Lutando.*) Eu lhe cuspo.

JULIETA: Estão lutando!

CAVALO PRETO: Se amam.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS:

Amor, amor, amor.
Amor do um com o dois
e do três que sufoca
por ser um entre os dois.

PRIMEIRO HOMEM: Vou despir seu esqueleto.

DIRETOR: Meu esqueleto tem sete luzes.

PRIMEIRO HOMEM: São fáceis para minhas sete mãos.

DIRETOR: Meu esqueleto tem sete sombras.

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: Deixe-o, deixe-o.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: (*Para o Primeiro Homem.*) Eu ordeno que você o deixe.

(Os Cavalos separam o Primeiro Homem e o Diretor.)

DIRETOR: Escravo do leão, posso ser amigo do cavalo.

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: (*Abraçando-o.*) Amor.

DIRETOR: Vou por minhas mãos nos sacos grandes para jogar no chão as moedas e os restos de migalhas de pão.

JULIETA: (*Para o Cavalo Preto.*) Por favor!

CAVALO PRETO: (*Inquieto.*) Espere.

PRIMEIRO HOMEM: A hora ainda não chegou para os cavalos levarem um desnudo que empalideceu de tanto chorar.

(Os três Cavalos Brancos param o Primeiro Homem.)

PRIMEIRO HOMEM: Enrique!

DIRETOR: Enrique? Aqui está o Enrique. *(Tira rapidamente o terno e joga-o atrás de uma coluna. Por baixo, usa uma Fantasia de Bailarina muito sutil. O Terno de Enrique aparece por trás da coluna. Esse personagem é o mesmo Arlequim Branco com uma máscara amarela pálida.)*

A FANTASIA DE ARLEQUIM: Estou com frio. Luz elétrica. Pão. Estavam queimando borracha. *(Fica ereto.)*

DIRETOR: *(Ao Primeiro Homem.)* Você não virá comigo agora? Com a Guillermina dos cavalos!

PRIMEIRO CAVALO BRANCO: Lua e raposa e garrafa das taverninhas.

DIRETOR: Vocês podem passar, e os barcos, e os regimentos e, se quiserem, as cegonhas podem passar também. Sou larga!

OS TRÊS CAVALOS BRANCOS: Guillermina!

DIRETOR: Guillermina não. Eu não sou a Guillermina. Eu sou a Dominga dos negrinhos.

(Arranca as gazes e aparece vestido com um collant cheio de pequenos guizos. Ele joga para trás da coluna e desaparece seguido pelos cavalos. Em seguida, aparece a personagem Fantasia de Bailarina.)

A FANTASIA DE BAILARINA: Gui-guiller-guillermi-guillermina. Na-nami-namiller-namillergui. Deixe-me entrar ou deixe-me sair. *(Cai no chão adormecida.)*

PRIMEIRO HOMEM: Enrique, tenha cuidado com as escadas!

DIRETOR: *(Fora.)* Lua e raposa dos marinheiros embriagados!

JULIETA: *(Para o Cavalo Negro.)* Dê-me o remédio para dormir.

CAVALO PRETO: Arena.

PRIMEIRO HOMEM: *(Gritando.)* Um peixe-lua; só quero que você seja um peixe-lua! Que você seja um peixe-lua! *(Sai por detrás violentamente.)*

A FANTASIA DE ARLEQUIM: Enrique. Luz elétrica. Pão. Estavam queimando borracha.

(Aparecem à esquerda o Terceiro Homem e o Segundo Homem. O Segundo Homem é a mulher do Pijama Preto e as papoulas da primeira cena. O Terceiro Homem, sem se transformar.)

SEGUNDO HOMEM: Ele me ama tanto que, se nos vir juntos, poderá nos matar. Vamos. Agora eu vou servi-lo para sempre.

TERCEIRO HOMEM: Sua beleza era linda por debaixo das colunas.

JULIETA: *(Para o casal.)* Vamos fechar a porta.

SEGUNDO HOMEM: A porta do teatro nunca se fecha.

JULIETA: Chove muito, minha amiga.

(Começa a chover. O Terceiro Homem tira do seu bolso uma máscara de expressão ardente e cobre o rosto.)

TERCEIRO HOMEM: *(Galante.)* E eu não poderia dormir neste lugar?

JULIETA: Para quê?

TERCEIRO HOMEM: Para me divertir com você. *(Fala com ela.)*

SEGUNDO HOMEM: *(Para o Cavalo Preto.)* Você viu sair um homem com uma barba preta, moreno cujos sapatos de verniz chiavam um pouco?

CAVALO PRETO: Não o vi.

TERCEIRO HOMEM: *(Para Julieta.)* E quem melhor do que eu para defendê-la?

JULIETA: E quem seria mais digna de amor do que sua amiga?

TERCEIRO HOMEM: Minha amiga? *(Furioso.)* Sempre perco por sua causa! Esta não é minha amiga. Esta é uma máscara, uma vassoura, um cachorro fraco em um sofá.

(Ele o despe violentamente, tira o pijama, a peruca e aparece o Segundo Homem sem barba, com a roupa da primeira cena.)

SEGUNDO HOMEM: Por caridade!

TERCEIRO HOMEM: *(Para Julieta.)* Ele estava disfarçado para defendê-lo dos bandidos. Beije minha mão, beije a mão do seu protetor.

(Aparece a Fantasia de Pijama com as papoulas. O rosto deste personagem é branco, liso e deformado como um ovo de avestruz. O Terceiro Homem empurra o Segundo Homem e faz com que ele desapareça à direita.)

SEGUNDO HOMEM: Por caridade!

(A Fantasia se senta na escada e bate lentamente em seu rosto liso com as mãos, até o fim.)

TERCEIRO HOMEM: *(Retira do bolso um grande manto vermelho e o coloca sobre os ombros, enlaçando-o à Julieta.)*

«Olhe, meu amor... que invejosos feixes de luz rebitam às nuvens abertas lá no Oriente ...» O vento quebra os ramos do cipreste ...

JULIETA: Não é assim!

TERCEIRO HOMEM: ... E visita na Índia todas as mulheres que têm as mãos cheias de água.

CAVALO PRETO: *(Agitando a roda.)* Vai fechar!

JULIETA: Chove muito!

TERCEIRO HOMEM: Espere, espere. Agora o rouxinol canta.

JULIETA: *(Tremendo.)* O rouxinol, meu Deus! O rouxinol!

CAVALO PRETO: Não fique surpresa! *(Ele a pega rapidamente e a coloca na sepultura.)*

JULIETA: *(Dormindo.)* O rouxinol ...!

CAVALO PRETO: *(Saindo.)* Amanhã voltarei com a arena.

JULIETA: Amanhã.

TERCEIRO HOMEM: *(Ao lado da sepultura.)* Meu amor, volte! O vento quebra as folhas dos aceres. O que você fez? *(Abraça-a.)*

VOZ DE FORA: Enrique!

A FANTASIA DE ARLEQUIM: Enrique.

A FANTASIA DE BAILARINA: Guilhermina! Acabe logo! *(Chora.)*

TERCEIRO HOMEM: Espere, espere. Agora o rouxinol canta. *(É ouvida a buzina. O Terceiro Homem deixa a máscara no rosto de Julieta e cobre seu corpo com o manto vermelho.)* Chove muito. *(Abre um guarda-chuvas e sai em silêncio na ponta dos pés.)*

PRIMEIRO HOMEM: *(Entrando.)* Enrique, como você voltou?

A FANTASIA DE ARLEQUIM: Enrique, como você voltou?

PRIMEIRO HOMEM: Por que você está zombando?

A FANTASIA DE ARLEQUIM: Por que você está zombando?

PRIMEIRO HOMEM: *(Abraçando a fantasia.)* Você tinha que voltar para mim, para o meu amor inesgotável, depois de ter vencido as gramas e os cavalos.

A FANTASIA DE ARLEQUIM: Os cavalos!

PRIMEIRO HOMEM: Diga-me, diga-me que você voltou para mim!

A FANTASIA DE ARLEQUIM: *(Com uma voz fraca.)* Estou com frio. Luz elétrica. Pão. Estavam queimando borracha.

PRIMEIRO HOMEM: *(Abraçando-o com violência.)* Enrique!

A FANTASIA DE ARLEQUIM: *(Com uma voz cada vez mais fraca.)* Enrique.

A FANTASIA DE BAILARINA: *(Em voz baixa.)* Guillermina.

PRIMEIRO HOMEM: *(Jogando a Fantasia para o chão e subindo pelas escadas.)* Enriqueeee!

A FANTASIA DE ARLEQUIM: *(No chão.)* Enriqueeece.

(A Figura com a cara de ovo bate nele incessantemente com as mãos. Sob o barulho da chuva canta o verdadeiro rouxinol.)

Cortina

Quarta cena

No centro da cena, uma cama na frente e perpendicular, como se tivesse sido pintada por um primitivo, onde tem um Nu Vermelho coroadado com espinhos azuis. Ao fundo, alguns arcos e escadas que levam aos palcos de um grande teatro. À direita, a entrada de uma universidade. Quando a cortina se levanta, se ouve uma salva de aplausos.

NU: Quando vocês vão terminar?

ENFERMEIRO: *(Entrando rapidamente.)* Quando o tumulto cessar.

NU: O que querem?

ENFERMEIRO: Eles querem a morte do Diretor de cena.

NU: E o que eles dizem sobre mim?

ENFERMEIRO: Nada.

NU: E sobre Gonzalo, você sabe algo?

ENFERMEIRO: Estão procurando por ele na ruína.

NU: Eu quero morrer. Quantos copos de sangue você tirou de mim?

ENFERMEIRO: Cinquenta. Agora lhe darei a bile e, às oito horas, virei com o bisturi para cavar fundo a ferida do lado.

NU: É a que tem mais vitaminas.

ENFERMEIRO: Sim.

NU: Eles deixaram as pessoas saírem da arena?

ENFERMEIRO: Pelo contrário. Os soldados e os engenheiros estão fechando todas as saídas.

NU: Quanto falta para chegar em Jerusalém?

ENFERMEIRO: Três estações, se tiver carvão suficiente.

NU: Meu Pai, afaste de mim este cálice de amargura.

ENFERMEIRO: Cale-se. Este é o terceiro termômetro que você quebra.

(Os Estudantes aparecem. Vestem mantos pretos e capas vermelhas.)

PRIMEIRO ESTUDANTE: Por que não limamos os ferros?

SEGUNDO ESTUDANTE: O beco está cheio de pessoas armadas e é difícil fugir para lá.

TERCEIRO ESTUDANTE: E os cavalos?

PRIMEIRO ESTUDANTE: Os cavalos conseguiram escapar quebrando o teto da cena.

QUARTO ESTUDANTE: Quando eu estava trancado na torre, eu os vi subindo a colina. Estavam com o Diretor de cena.

PRIMEIRO ESTUDANTE: O teatro não tem um fosso?

SEGUNDO ESTUDANTE: Mas até os fossos estão cheios de público. É melhor ficar. *(É ouvida uma salva de aplausos. O Enfermeiro traz o Nu e arruma as almofadas.)*

NU: Estou com sede.

ENFERMEIRO: A água já foi enviada para o teatro.

QUARTO ESTUDANTE: A primeira bomba da revolução varreu a cabeça do professor de retórica.

SEGUNDO ESTUDANTE: Razão de grande alegria para sua esposa, que agora vai trabalhar tanto que ela terá que usar duas torneiras nos peitos.

TERCEIRO ESTUDANTE: Eles dizem que um cavalo subia com ela para o terraço à noite.

PRIMEIRO ESTUDANTE: Ela foi precisamente a pessoa que viu por uma claraboia do teatro tudo o que acontecia e deu o grito de alarme.

QUARTO ESTUDANTE: E embora os poetas colocassem uma escada para matá-la, ela continuava gritando e acudindo a multidão.

SEGUNDO ESTUDANTE: Como ela se chama?

TERCEIRO ESTUDANTE: O nome dela é Elena.

PRIMEIRO ESTUDANTE: *(À parte.)* Selene.

SEGUNDO ESTUDANTE: *(Para o Primeiro Estudante.)* Qual é o problema?

PRIMEIRO ESTUDANTE: Estou com medo de sair.

(Os dois Ladrões descem as escadas. Várias Damas, elegantes, saem correndo precipitadamente dos palcos. Os Estudantes discutem.)

PRIMEIRA DAMA: Os carros ainda estarão na porta?

SEGUNDA DAMA: Que horror!

TERCEIRA DAMA: Encontraram o Diretor de cena dentro da sepultura.

PRIMEIRA DAMA: E o Romeu?

QUARTA DAMA: Eles o estavam despindo quando saímos.

PRIMEIRO RAPAÇ: O público quer que o poeta seja arrastado pelos cavalos.

PRIMEIRA DAMA: Mas, por quê? Foi um drama delicioso e a revolução não demorou a profanar as sepulturas.

SEGUNDA DAMA: As vozes estavam vivas e suas aparências também. Qual necessidade tínhamos de lamber os esqueletos?

PRIMEIRO RAPAÇ: Ele está certo. O ato da sepultura foi prodigiosamente desenvolvido. Mas eu descobri a mentira quando vi os pés da Julieta. Eram muito pequenos.

SEGUNDA DAMA: Deliciosos! O senhor não vai querer implicar.

PRIMEIRO RAPAÇ: Sim, mas eram pequenos demais para serem pés de mulher. Eles eram muito perfeitos e muito femininos. Eles eram pés de homem, pés inventados por um homem.

SEGUNDA DAMA: Que horror!

(Murmúrios e cochichos são ouvidos do teatro.)

TERCEIRA DAMA: Não podemos sair?

PRIMEIRO RAPAÇ: Neste momento a revolução chega à catedral. Vamos pelas escadas.
(Saem.)

QUARTO ESTUDANTE: O tumulto começou quando eles viram que Romeu e Julieta realmente se amavam.

SEGUNDO ESTUDANTE: Foi precisamente o oposto. O tumulto começou quando eles observaram que eles não se amavam, que nunca poderiam amar um ao outro.

QUARTO ESTUDANTE: O público tem a capacidade de descobrir tudo e é por isso que protestou.

SEGUNDO ESTUDANTE: Exatamente por causa disso. Eles amavam os esqueletos e estavam amarelos com chamas, mas não amavam as fantasias e o público viu várias vezes a cauda de Julieta coberta de pequenas caretas de nojo.

QUARTO ESTUDANTE: As pessoas esqueceram as fantasias nas representações e a revolução eclodiu quando encontraram a verdadeira Julieta amordaçada embaixo das cadeiras e coberta de algodões para que ela não gritasse.

PRIMEIRO ESTUDANTE: Aqui está o grande equívoco de todos e é por isso que o teatro agoniza. O público não deve atravessar as sedas e os cartões que o poeta levanta em seu quarto. Romeu pode ser um pássaro e Julieta pode ser uma pedra. Romeu pode ser um grão de sal e Julieta pode ser um mapa. O que isso importa para o público?

QUARTO ESTUDANTE: Nada. Mas um pássaro não pode ser um gato, nem uma pedra pode ser um golpe do mar.

SEGUNDO ESTUDANTE: É questão de forma, de máscara. Um gato pode ser uma rã, e a lua de inverno pode muito bem ser um feixe de lenha coberto de vermes congelados. O público dormirá na palavra e não verá através da coluna as ovelhas que se equilibram e as nuvens que passam pelo céu.

QUARTO ESTUDANTE: É por isso que a revolução começou. O Diretor abriu as escotilhas e as pessoas puderam ver como o veneno das veias falsas tinha causado a morte verdadeira de muitas crianças. Não são as formas disfarçadas que elevam a vida, mas o barômetro indicador que possuem na parte de trás.

SEGUNDO ESTUDANTE: Em último caso, Romeu e Julieta devem necessariamente ser um homem e uma mulher para que a cena da sepultura ocorra de uma maneira agitada e dolorosa?

PRIMEIRO ESTUDANTE: Não é necessário, e é isso que o Diretor de cena propôs demonstrar com genialidade.

QUARTO ESTUDANTE: (*Irritado.*) O que não é necessário? Então parem as máquinas e joguem os grãos de trigo em um campo de aço.

SEGUNDO ESTUDANTE: E o que aconteceria? Aconteceria que apareceriam os fungos e as batidas talvez se tornariam mais intensas e apaixonantes. O que acontece é que você sabe o que alimenta um grão de trigo e ignora o que alimenta um fungo.

QUINTO ESTUDANTE: (*Saindo dos palcos.*) O juiz chegou, e antes de assassiná-los, eles irão repetir a cena da sepultura.

QUARTO ESTUDANTE: Vamos lá. Vocês verão como eu estou certo.

SEGUNDO ESTUDANTE: Sim. Vamos ver a última Julieta verdadeiramente feminina que se verá no teatro. *(Saem rapidamente.)*

NU: Meu pai, perdoe-os, eles não sabem o que estão fazendo.

ENFERMEIRO: *(Para os Ladrões.)* Por que chegaram a esta hora?

OS LADRÕES: O assistente de palco se equivocou.

ENFERMEIRO: Tomaram as injeções?

OS LADRÕES: Sim.

(Eles se sentam ao pé da cama com algumas velas acesas. A cena fica em uma penumbra. Aparece o Assistente de Palco.)

ENFERMEIRO: Isto são horas para me avisar?

ASSISTENTE DE PALCO: Eu imploro seu perdão. Mas eu tinha perdido a barba de José de Arimatéia.

ENFERMEIRO: A sala de cirurgia está pronta?

ASSISTENTE DE PALCO: Apenas os castiçais, o cálice e as ampolas de óleo essencial estão faltando.

ENFERMEIRO: Ande logo. *(O Assistente de Palco vai embora.)*

NU: Falta muito?

ENFERMEIRO: Pouco. Eles já bateram o terceiro sino. Quando o Imperador se veste de Pôncio Pilatos.

PRIMEIRO RAPAÇ: *(Aparece com as Damas.)* Por favor! Não se deixem vencer pelo pânico.

PRIMEIRA DAMA: É horrível se perder em um teatro e não encontrar a saída.

SEGUNDA DAMA: O que mais me deu medo foi o lobo de papelão e as quatro cobras no tanque de folha de flandres.

TERCEIRA DAMA: Quando subíamos a montanha da ruína, pensamos ter visto a luz do amanhecer, mas tropeçamos nas cortinas e agora meus sapatos de seda estão manchados de petróleo.

QUARTA DAMA: *(Aproximando-se dos arcos.)* Eles estão representando novamente a cena da sepultura. Agora é certeza que o fogo vai quebrar as portas, porque quando eu vi, um momento atrás, os guardiões estavam com as mãos queimadas e não conseguiam contê-lo.

PRIMEIRO RAPAZ: Através dos galhos daquela árvore podemos alcançar uma das varandas e de lá pediremos ajuda.

ENFERMEIRO: *(Em voz alta.)* Quando irá começar o toque da agonia?

(Ouve-se uma campainha.)

OS LADRÕES: *(Levantando as velas.)* Santo. Santo. Santo.

NU: Pai, em suas mãos, confio meu espírito.

ENFERMEIRO: Você está dois minutos adiantado.

NU: É que o rouxinol já cantou.

ENFERMEIRO: Isso é verdade. E as farmácias estão abertas para a agonia.

NU: Para a agonia do homem sozinho, nas plataformas e nos trens.

ENFERMEIRO: *(Olhando para o relógio e dizendo em voz alta.)* Tragam o lençol. Tenham cuidado para que o ar que irá soprar não tire suas perucas. Depressa.

OS LADRÕES: Santo. Santo. Santo.

NU: Foi tudo consumado.

(A cama gira em um eixo e o Nu desaparece. Na parte detrás da cama aparece o Primeiro Homem, sempre usando um fraque e uma barba preta.)

PRIMEIRO HOMEM: *(Fechando os olhos.)* Agonia!

(A luz tem uma forte tonalidade de prateado de tela de cinema. Os arcos e as escadas do fundo aparecem manchados com uma luz azul granulada. O Enfermeiro e os Ladrões desaparecem com Passo de dança, sem virar as costas. Os Estudantes saem por debaixo de um dos arcos. Eles carregam pequenas lanternas elétricas.)

QUARTO ESTUDANTE: A atitude do público foi detestável.

PRIMEIRO ESTUDANTE: Detestável. Um espectador nunca deve fazer parte do drama. Quando as pessoas vão para o *aquárium*, elas não matam as serpentes marinhas, nem os ratos-de-água, ou os peixes cobertos com lepra, e sim deslizam os olhos no vidro e aprendem.

QUARTO ESTUDANTE: Romeu era um homem de trinta anos e Julieta um menino de quinze. A denúncia do público foi eficaz.

SEGUNDO ESTUDANTE: O Diretor de cena, de uma maneira genial, evitou com que a massa de espectadores descobrisse isso, mas os cavalos e a revolução destruíram seus planos.

QUARTO ESTUDANTE: O que é inadmissível é que eles foram assassinados.

PRIMEIRO ESTUDANTE: E que eles também assassinaram a verdadeira Julieta que gemia debaixo das poltronas.

QUARTO ESTUDANTE: Por pura curiosidade, para ver o que tinha dentro delas.

TERCEIRO ESTUDANTE: E o que eles encontraram de fato? Um aglomerado de feridas e uma desorientação absoluta.

QUARTO ESTUDANTE: A repetição do ato foi maravilhosa porque eles, sem dúvida, se amavam com um amor incalculável, mesmo que isso não justifique. Quando o rouxinol cantou, eu não consegui conter minhas lágrimas.

TERCEIRO ESTUDANTE: E todas as outras pessoas; mas depois eles levantaram as facas e os bastões porque a letra era mais forte que eles e a doutrina, quando solta sua cabeleira, pode atropelar sem medo as verdades mais inocentes.

QUINTO ESTUDANTE: (*Muito alegre.*) Olha, eu peguei um sapato da Julieta. As freiras estavam cobrindo-a com as mortalhas e eu o roubei.

QUARTO ESTUDANTE: (*Sério.*) Que Julieta?

QUINTO ESTUDANTE: Que Julieta poderia ser? A que estava no palco, aquela que tinha os pés mais bonitos do mundo.

QUARTO ESTUDANTE: (*Com espanto.*) Mas você não percebeu que a Julieta que estava no túmulo era um jovem disfarçado, um truque do Diretor de cena, e que a verdadeira Julieta estava amordaçada embaixo das poltronas?

QUINTO ESTUDANTE: (*Caindo no riso.*) Eu gosto disso! Parecia muito bonita, e se era um jovem disfarçado para mim dá no mesmo; em vez disso, eu não teria pegado o sapato daquela moça cheia de poeira que gemia como um gato sob as cadeiras.

TERCEIRO ESTUDANTE: E, no entanto, é por isso que eles a assassinaram.

QUINTO ESTUDANTE: Porque eles estão loucos. Mas eu que subo duas vezes, todos os dias, a montanha e vejo, quando termino meus estudos, um enorme rebanho de touros com o qual eu tenho que lutar e ganhar a cada instante, não tenho tempo para pensar se é homem, mulher ou criança, apenas para ver que me interessa como um desejo muito alegre.

PRIMEIRO ESTUDANTE: Magnífico! E se eu quiser me apaixonar por um crocodilo?

QUINTO ESTUDANTE: Você se apaixonou.

PRIMEIRO ESTUDANTE: E se eu quiser me apaixonar por você?

QUINTO ESTUDANTE: (*Arremessando o sapato nele.*) Você se apaixonou também, eu o deixo, e coloco-o em meus ombros pelos riscos.

PRIMEIRO ESTUDANTE: E nós destruímos tudo.

QUINTO ESTUDANTE: Os telhados e as famílias.

PRIMEIRO ESTUDANTE: E por onde falarem de amor nós entraremos com chuteiras, arremessando lama nos espelhos.

QUINTO ESTUDANTE: E vamos queimar o livro onde os sacerdotes leem a missa.

QUARTO ESTUDANTE: Vamos. Vamos logo!

QUINTO ESTUDANTE: Eu tenho quatrocentos touros. Com as cordas que meu pai torceu, nós os amarraremos às rochas para separá-las até sair um vulcão.

PRIMEIRO ESTUDANTE: Alegria! A felicidade dos rapazes e das moças e dos sapos e dos pequenos pregos de madeira.

ASSISTENTE DE PALCO: (*Aparecendo.*) Senhores, aula de geometria descritiva.

PRIMEIRO HOMEM: Agonia.

(A cena vai ficando escura. Os Estudantes acendem suas lanternas e entram na universidade.)

ASSISTENTE DE PALCO: (*Displicente.*) Não façam os cristais sofrerem!

QUINTO ESTUDANTE: (*Fugindo pelos arcos com o Primeiro Estudante.*) Alegria! Alegria! Alegria!

PRIMEIRO HOMEM: Agonia. Solidão do homem no sonho cheio de elevadores e trens por onde você vai em velocidades inatingíveis. Solidão dos edifícios, das esquinas, das praias, onde você não vai aparecer nunca mais.

PRIMEIRA DAMA: (*Nas escadas.*) Novamente a mesma decoração? É horrível!

PRIMEIRO RAPAZ: Alguma porta será a verdadeira!

SEGUNDA DAMA: Por favor! Não solte minha mão!

PRIMEIRO RAPAZ: Quando amanhecer, nós nos guiaremos pelas claraboias.

TERCEIRA DAMA: Eu estou começando a sentir frio com essa roupa.

PRIMEIRO HOMEM: (*Com voz fraca.*) Enrique! Enrique!

PRIMEIRA DAMA: O que foi isso?

PRIMEIRO RAPAZ: Calma.

(A cena está às escuras. A lanterna do Primeiro Rapaz ilumina a face morta do Primeiro Homem.)

Cortina

[Solo do pastor bobo]

Cortina azul.

No centro, um grande armário cheio de Máscaras brancas de diferentes expressões. Cada Máscara tem sua luzinha na frente. O Pastor Bobo vem da direita. Usa peles extravagantes e um funil cheio de canetas e rodinhas na cabeça. Toca um aristão e dança em um ritmo lento.

O PASTOR:

O pastor bobo guarda as Máscaras.

As máscaras

dos mendigos e dos poetas

que matam os abutres

quando voam por águas calmas.

Máscara

de crianças que usam o soco

e apodrecem embaixo de um cogumelo.

Máscaras

das águias com muletas.

Máscara da máscara

que era gesso de Creta

e ficou de cor violeta

no assassinato de Julieta.

Adivinha. Adivinhação. Adivineta

de um teatro sem lunetas

e um céu cheio de cadeiras

com o buraco de uma máscara.

Berrem, berrem, berrem, máscaras.

(As Máscaras berram imitando as ovelhas e dão algumas tossidas.)

Os Cavalos comem todo o cogumelo
e apodrecem embaixo do cata-vento.

As águias usam o soco

e eles se enchem de lama sob o cometa,

e o cometa devora o abutre

que arranhava o peito do poeta.

Berrem, berrem, berrem, máscaras!

A Europa arranca suas mamas,

A Ásia fica sem lunetas

e a América é um crocodilo

que não precisa de uma máscara

A musiquinha, a musiqueta

das agulhas feridas e da garrafa.

(Empurra o armário com rodinhas, e desaparece. As Máscaras berram.)

Quinta cena

A mesma decoração da primeira cena. À esquerda, uma grande cabeça de cavalo colocada no chão. À direita, um olho enorme e um grupo de árvores com nuvens, encostadas na parede. Entra o Diretor com o Ilusionista. O Ilusionista usa um fraque, uma capa de cetim branco que vai até os pés e uma cartola. O Diretor de cena usa o fraque da primeira cena.

DIRETOR: Um ilusionista não pode resolver este assunto, nem um médico, nem um astrônomo ou qualquer outra pessoa. É muito fácil soltar os leões e depois despejar enxofre sobre eles. Não continue falando.

ILUSIONISTA: Acho que o senhor, homem de máscara, não se lembra de que usamos a cortina escura.

DIRETOR: Quando as pessoas estão no céu; mas me diga, que cortina pode ser usada em um lugar onde o ar é tão violento que tira a roupa das pessoas e até as crianças carregam canivetes para rasgar as cortinas?

ILUSIONISTA: Naturalmente, a cortina do ilusionista pressupõe uma ordem na escuridão do truque; por isso, por que você escolheu uma tragédia clichê e não fez um drama original?

DIRETOR: Para expressar o que acontece todos os dias em todas as grandes cidades e nos campos por meio de um exemplo que, é admitido por todos, apesar de sua originalidade, e que só aconteceu uma vez. Eu poderia ter escolhido o *Édipo* ou o *Otelo*. Por outro lado, se ele tivesse levantado a cortina com a verdade original, eles teriam manchado de sangue as poltronas desde as primeiras cenas.

ILUSIONISTA: Se eles tivessem usado «a flor de Diana» que a angústia de Shakespeare usou de maneira irônica em *Sonho de uma noite de verão*, é provável que a representação teria terminado com sucesso. Se o amor é puro acaso e Titânia, rainha dos silfos, se apaixona por um asno, nada de particular teria que, pelo mesmo procedimento, Gonzalo bebesse no baile com um rapaz [vestido de] branco e sentado em seus joelhos.

DIRETOR: Eu imploro para que pare de falar.

ILUSIONISTA: Construam um arco de arame, uma cortina e uma árvore com folhas frescas, subam e abaixem a cortina no tempo e ninguém ficará surpreso que a árvore se

transforme em um ovo de serpente. Mas o que vocês queriam era matar a pomba e deixar um pedaço de mármore cheio de pequena salivas falantes em seu lugar.

DIRETOR: Era impossível fazer qualquer outra coisa; meus amigos e eu abrimos o túnel embaixo da arena sem que as pessoas da cidade notassem. Muitos trabalhadores e estudantes nos ajudaram e agora negam ter trabalhado, apesar de estarem com as mãos cheias de feridas. Quando chegamos ao sepultamento, levantamos a cortina.

ILUSIONISTA: E que teatro pode resultar de um sepultamento?

DIRETOR: Todo o teatro sai das humidades confinadas. Todo teatro verdadeiro tem um profundo fedor de lua velha. Quando as fantasias falam, as pessoas vivas já são botões de osso nas paredes do calvário. Eu fiz o túnel para tomar posse das fantasias e, através delas, mostrar o perfil de uma força oculta quando o público já não tinha escolha a não ser assistir, cheio de espírito e subjugado pela ação.

ILUSIONISTA: Eu converto, sem esforço algum, uma garrafa de tinta em uma mão decepada cheia de anéis antigos.

DIRETOR: (*Irritado.*) Mas isso é mentira, isso é teatro! Se eu passei três dias lutando com as raízes e os golpes de água foi para destruir o teatro.

ILUSIONISTA: Sabia.

DIRETOR: E provar que se Romeu e Julieta agonizam e morrem para acordar sorrindo quando a cortina cai, meus personagens, em vez disso, queimam a coroa e morrem de verdade na presença dos espectadores. Os cavalos, o mar; o exército das gramas o impediram. Mas algum dia, quando todos os teatros estiverem queimados, será encontrado nos sofás, atrás dos espelhos e dentro das taças de papelão dourado, a reunião dos nossos mortos ali encerrados pelo público. É necessário destruir o teatro ou viver no teatro! Não adianta assobiar pelas janelas. E se os cães gemem ternamente, é necessário levantar a cortina sem prevenções. Eu conheci um homem que varria seu telhado e limpava claraboias e varandas apenas por cortesia ao céu.

ILUSIONISTA: Se você subir mais um degrau, o homem irá parecer uma fibra de grama para você.

DIRETOR: Não uma fibra de grama, mas um navegante.

ILUSIONISTA: Eu posso transformar um navegador em uma agulha de costura.

DIRETOR: Isso é precisamente o que é feito no teatro. É por isso que me atrevi a realizar um difícil jogo poético na esperança de que o amor rompesse com o ímpeto e desse nova forma às fantasias.

ILUSIONISTA: Quando o senhor diz amor, eu me assusto.

DIRETOR: Assusta-se com o quê?

ILUSIONISTA: Vejo uma paisagem de areia refletida em um espelho turvo.

DIRETOR: E o que mais?

ILUSIONISTA: Que nunca acaba de amanhecer.

DIRETOR: É possível.

ILUSIONISTA: *(Displícite e batendo a cabeça de cavalo com as pontas dos dedos.)*
Amor.

DIRETOR: *(Sentando-se na mesa.)* Quando o senhor diz o amor, eu me assusto.

ILUSIONISTA: Assusta-se com o quê?

DIRETOR: Eu vejo que cada grão da areia se transforma em uma formiga bem viva.

ILUSIONISTA: E o que mais?

DIRETOR: Que anoitece a cada cinco minutos.

ILUSIONISTA: *(Olhando-o fixamente.)* É possível. *(Pausa.)* Mas, o que pode ser esperado de pessoas que inauguram o teatro sob a arena? Se você tivesse aberto essa porta, encheria isso de mastins, de loucos, de chuvas, de folhas monstruosas, de ratos de esgoto. Quem nunca pensou que podem romper todas as portas de um drama?

DIRETOR: A única maneira do drama se justificar é rompendo as portas, vendo através de seus próprios olhos que a lei é uma parede que se dissolve na menor gota de sangue. Repugna-me o moribundo que desenha com o dedo uma porta na parede e dorme tranquilo. O verdadeiro drama é um circo de arcos onde o ar, a lua e as criaturas entram e saem sem ter um lugar para descansar. Aqui o senhor está pisando em um teatro onde os dramas autênticos ocorreram e onde foi realizado um verdadeiro combate que custou a vida de todos os intérpretes. *(Chora.)*

CRIADO: *(Entrando rapidamente.)* Senhor.

DIRETOR: O que houve? *(Entra a Fantasia de Arlequim Branco e uma Senhora vestida de preto com o rosto coberto por um tule grosso que impede de ver seu rosto.)*

SENHORA: Onde está meu filho?

DIRETOR: Que filho?

SENHORA: Meu filho Gonzalo.

DIRETOR: *(Irritado.)* Quando o espetáculo terminou, ele se apressou para o fosso do teatro com esse rapaz que está com a senhora. Mais tarde, o assistente de palco o viu deitado na cama imperial do guarda-volumes. Você não deve me perguntar nada. Hoje tudo aquilo está debaixo da terra.

A FANTASIA DE ARLEQUIM: *(Chorando.)* Enrique.

SENHORA: Onde está meu filho? Os pescadores me trouxeram esta manhã um enorme peixe-lua, pálido, decomposto, e eles me gritaram: Aqui está seu filho! Como do peixe fluía incessantemente um fio de sangue pela boca, as crianças riam e pintavam as solas de suas botas de vermelho. Quando fechei a porta senti como as pessoas dos mercados o arrastavam para o mar.

A FANTASIA DE ARLEQUIM: Para o mar.

DIRETOR: A representação terminou horas atrás e eu não tenho nenhuma responsabilidade pelo que ocorreu.

SENHORA: Vou apresentar minha denúncia e vou pedir justiça na frente de todos.
(Inicia o silêncio.)

ILUSIONISTA: Senhora, não pode sair por aí.

SENHORA: Você tem razão. O hall de entrada está completamente escuro. *(Vai em direção à porta da direita.)*

DIRETOR: Por aí também não. Poderia cair nas claraboias.

ILUSIONISTA: Senhora, por gentileza. Eu a conduzo. *(Ele retira o manto e cobre a Senhora com ele. Ele dá dois ou três passes com as mãos, tira a capa e a Senhora desaparece. O Criado empurra a Fantasia de Arlequim e faz com que ela desapareça à esquerda. O Ilusionista pega um grande leque branco e começa a abanar-se enquanto canta suavemente.)*

DIRETOR: Estou com frio.

ILUSIONISTA: Como?

DIRETOR: Eu disse a ele que estou com frio.

ILUSIONISTA: *(Abanando-se.)* É uma palavra bonita, frio.

DIRETOR: Muito obrigado por tudo.

ILUSIONISTA: De nada. Tirar é muito fácil. Difícil é pôr.

DIRETOR: É muito mais difícil substituir.

CRIADO: *(Entrando após ter levado o Arlequim.)* Está um pouco frio. Você quer que eu ligue o aquecedor?

DIRETOR: Não. Nós temos que resistir a tudo porque nós quebramos as portas, nós levantamos o telhado e nós ficamos com as quatro paredes do drama. *(O Criado sai pela porta central.)* Mas isso não importa. Ainda há grama macia para dormir.

ILUSIONISTA: Para dormir!

DIRETOR: Que em último caso dormir é semear.

CRIADO: Senhor! Eu não posso resistir ao frio.

DIRETOR: Eu lhe disse que devemos resistir, que não devemos ser vencidos por nenhum truque. Cumpra sua obrigação. (*O Diretor coloca as luvas e sobe a gola do fraque cheio com tremor. O Criado desaparece.*)

ILUSIONISTA: (*Abanando-se.*) Mas será que o frio é uma coisa ruim?

DIRETOR: (*Com a voz fraca.*) O frio é um elemento dramático como qualquer outro.

CRIADO: (*Ele se aproxima da porta tremendo, as mãos no peito.*) Senhor!

DIRETOR: O quê?

CRIADO: (*Caindo de joelhos.*) Ali está o público.

DIRETOR: (*Caindo de bruços em cima da mesa.*) Peça para entrar!

(O Ilusionista, sentado perto da cabeça de cavalo, assobia e abana-se com grande alegria. Todo o ângulo esquerdo da peça de decoração se divide e aparece um céu de nuvens longas, bem iluminado, e uma chuva lenta de luvas brancas, rígidas e espaçadas.)

VOZ: (*De fora.*) Senhor.

VOZ: (*De fora.*) Que foi.

VOZ: (*De fora.*) O público.

VOZ: (*De fora.*) Peça para entrar.

(O Ilusionista agita forte o leque no ar. Flocos de neve começam a cair na cena.)

Cortina lenta

REFERÊNCIAS

LORCA, Federico García. *El público*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br.

Acesso em: 13 dez. 2019.